

O SUJEITO FRAGMENTADO NA ERA DIGITAL: O OLHAR COMO *OBJETO* A NAS REDES SOCIAIS

THE FRAGMENTED SUBJECT IN THE DIGITAL AGE: THE GAZE AS OBJECT A IN SOCIAL NETWORK

Agatha Lorryne Ayres dos Santos Rocha¹

Daniele Cristina Vieira Quini²

Simone Cristina Fernandes³

Angelo Luiz Ferro⁴

<https://doi.org/10.5281/zenodo.21726231>

RESUMO

Este artigo analisa a constituição do sujeito na era digital, com foco no olhar como objeto a nas redes sociais. A pesquisa baseia-se em uma revisão teórica da psicanálise freudiana e lacaniana, articulando conceitos como estágio do espelho, identificação, narcisismo e pulsão escópica. A análise evidencia que, nas redes sociais, o sujeito fragmenta-se entre múltiplas representações de si, mediadas pelo olhar do Outro, pela validação digital e pelas massas virtuais, formando identidades performáticas e instáveis. A exposição contínua produz fascinação e gozo, mas também alienação e ansiedade, evidenciando uma tensão entre desejo, reconhecimento e autoimagem. Os resultados indicam que as massas digitais operam como dispositivos de subjetivação, promovendo contágio afetivo, adesão a padrões e submissão a líderes ou influenciadores digitais, em analogia às massas descritas por Le Bon e Freud. Conclui-se que a era digital amplifica a fragmentação subjetiva, revelando que a promessa de completude da imagem idealizada é ilusória, e que a constituição do eu permanece dependente do Outro e do campo social virtual.

Palavras-chave: sujeito fragmentado; olhar; redes sociais.

ABSTRACT

¹ Discente do curso de Psicologia da Uniprudente e integrante do Grupo de Estudo em Psicanálise e Subjetividade (GEPSI) do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. E-mail:

ayres-lorryne@hotmail.com

ORCID:

<https://orcid.org/0009-0008-6882-9188>.

LATTES:

<http://lattes.cnpq.br/8545237924864652>

² Graduada em Serviço Social e discente do curso de Psicologia na Uniprudente e integrante do Grupo de Estudo em Psicanálise e Subjetividade (GEPSI) do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. E-mail:

danielequini2@gmail.com

ORCID:

<https://orcid.org/0009-0008-6698-2859>

LATTES:

<https://lattes.cnpq.br/1317061414320508>

³ Discente do curso de Psicologia na Uniprudente e integrante do Grupo de Estudo em Psicanálise e Subjetividade (GEPSI) do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. E-mail:

simonefernandes2309@gmail.com

ORCID:

<https://orcid.org/0009-0006-7480-3916>

LATTES:

<https://lattes.cnpq.br/6720448266640155>

⁴ Docente e coordenador do curso de psicologia do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. Graduado e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Coordenador do Grupo de Estudo em Psicanálise e Subjetividade (Gepsi). E-mail angelolferro@gmail.com. Orientador do trabalho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6579-7311> LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8545792825195668>

This article examines the constitution of the subject in the digital age, focusing on the gaze as object a on social networks. The study is based on a theoretical review of Freudian and Lacanian psychoanalysis, articulating concepts such as the mirror stage, identification, narcissism, and scopophilic drive. The analysis shows that, on social networks, the subject fragments across multiple self-representations mediated by the Other's gaze, digital validation, and virtual masses, creating performative and unstable identities. Continuous exposure produces fascination and jouissance, but also alienation and anxiety, highlighting the tension between desire, recognition, and self-image. The findings indicate that digital masses act as subjectivating devices, promoting emotional contagion, adherence to standards, and submission to leaders or digital influencers, analogous to the masses described by Le Bon and Freud. It is concluded that the digital age amplifies subjective fragmentation, revealing that the promise of completeness of the idealized image is illusory and that the constitution of the ego remains dependent on the Other and the virtual social field.

Keywords: fragmented subject; gaze; social networks.

1 INTRODUÇÃO

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou - eu não aceito.
Não aguento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.
(Manoel de Barros)

A constituição do sujeito⁵ a partir da teoria psicanalítica se dá de maneira complexa a qual postula que a constituição do aparelho psíquico tem fundamental importância na vida do sujeito. Assim, Freud propõe uma arquitetura do aparelho psíquico; no decorrer de sua história, ele elabora e reelabora a maneira de compreender o aparelho psíquico. Diante da urgência da compreensão de como o sujeito se constitui na atualidade, principalmente mediado pelas mídias digitais, este artigo busca analisar a constituição do sujeito na era digital, principalmente a partir do ponto de vista do olhar enquanto *objeto a* e nas redes sociais.

A pesquisa fundamenta-se em uma revisão teórica da psicanálise freudiana e lacaniana, articulando noções como o estágio do espelho, identificação, narcisismo e pulsão escópica. A análise demonstra que, nas redes sociais, o sujeito se fragmenta em múltiplas representações de si, mediadas pelo olhar do Outro, pela validação digital e pelas dinâmicas coletivas virtuais, dando origem a identidades performativas e instáveis. Há, de acordo com o apresentado neste texto, uma transição do espelho físico para a tela iluminada dos dispositivos digitais, que passam a atuar como novos mediadores da imagem e do reconhecimento do *eu*.

A pesquisa justifica-se pela urgência em compreender como o sujeito se constitui na atualidade, diante de um cenário saturado por estímulos visuais e informações constantes. Esta exposição contínua nas redes sociais produz uma tensão entre desejo, reconhecimento e autoimagem, resultando em identidades performáticas, instáveis e alienadas. Além disso, a dificuldade de constituição subjetiva mediada pelos meios de comunicação de massa é apresentada como uma nova problemática que desafia a clínica e a teoria psicanalítica.

A constituição do aparelho psíquico ao longo da obra freudiana não é um percurso linear, mas uma complexa gênese conceitual, marcada por deslocamentos teóricos, reformulações estruturais e ambições interdisciplinares. Desde seus primeiros escritos sobre a afasia até as elaborações finais nas *Novas Conferências Introdutórias*, Freud constrói, desconstrói e reconstrói incessantemente a arquitetura do psiquismo, alternando entre modelos linguísticos, neurológicos e dramatúrgicos. Esse processo revela uma tensão produtiva entre ciência e hermenêutica, entre biologia e simbolismo, que sustenta o núcleo dinâmico de sua metapsicologia.

⁵ A concepção de sujeito, o qual postulado por Descartes em sua filosofia, e aqui recorre-se ao que propôs nas *Meditações sobre a filosofia primeira* (2004) como um *eu* racional, estável e transparente é substituída por um *eu* dividido, instável e completo, de acordo com a concepção de Nietzsche, principalmente em *Genealogia da Moral* (2009) e *Assim falou Zaratustra* (2011) e Freud nos textos apresentados neste artigo.

Freud organiza o primeiro modelo com o esboço inaugural do psiquismo como linguagem gráfica *Sobre a Afasia* (1891/1994)⁶, em que o psiquismo é pensado como um sistema de representações e traduções. Em seguida, Freud propõe uma nova maneira de compreender, com seu texto *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/1996) ancorada na neurobiologia, em que o psiquismo é concebido como uma rede de neurônios e descargas energéticas. O passo seguinte, marcado pela *Carta 52 a Fliess* (1896/1999), introduz uma virada decisiva: a ideia de inscrições psíquicas múltiplas, que já apontam para a complexidade dos registros inconscientes.

Essa transição culmina na formulação da primeira tópica, sistematizada em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), na qual Freud propõe um modelo dinâmico e topológico, estruturado pelas instâncias Inconsciente, pré-consciente e consciente. Mais tarde, em *O Ego e o Id* (1923/1996), surge a segunda tópica, agora concebida como um teatro de forças em conflito — *Id*, *Ego* e *Superego* — que inaugura uma nova forma de pensar a subjetividade: não mais como um sistema, mas como uma cena dramática de tensões internas.

Por fim, nas *Novas Conferências Introdutórias* (1932/1996), Freud revê criticamente suas construções anteriores, apresentando o *Id* como uma zona de indiscernibilidade entre o somático e o psíquico e o *Superego* como uma instância autônoma e muitas vezes implacável. A evolução desses modelos revela não apenas a sofisticação crescente da teoria freudiana, mas também sua abertura à multiplicidade de leituras e sua resistência a qualquer tentativa de sistematização definitiva. Pensar o "aparato psíquico" ao longo dessas transformações é, portanto, percorrer um itinerário em que a linguagem, o corpo, a memória e o desejo se entrelaçam numa topologia sempre em movimento.

Diante do exposto, este trabalho está estruturado em uma introdução, quatro seções temáticas e uma conclusão, o qual aponta a evolução do aparelho psíquico, a apresentação do conceito de estágio do espelho e alteridade, as redes sociais como espelho contemporâneo, a psicologia das massas digitais, fragmentação e identidades performáticas e a conclusão sobre a ilusão digital.

2 O ENIGMA DO OUTRO: ESPELHO OU MIRAGEM?

⁶ A primeira data corresponde ao ano que o autor publicou a obra e a segunda data equivale a edição utilizada para leitura e referência. Este tipo de referência foi utilizado em todo corpo do texto.

Os fantasmas não choram.
(Pedro Almodóvar)

A psicanálise lacaniana propõe que o sujeito se constitui na falta, ou seja, não existe o conceito de completude ou plenitude para ele, uma vez que somos pulsionais. A contemporaneidade escancara uma nova problemática que impulsiona a psicanálise à pesquisa: a dificuldade de constituição do sujeito, permeado pelo aparato dos meios de comunicação de massa. Não há como negar que um sujeito que é impulsionado o tempo todo, por muitas informações e estímulos visuais, sua constituição não seja influenciada por essas, pelo contrário, todos esses estímulos vão influenciar sobremaneira sua constituição e organização psíquica.

Lacan (1949/1998) traz importantes contribuições para compreendermos a constituição do sujeito, do mesmo modo que dá subsídios para entendermos como o Outro – lê-se pessoas e meios de comunicação em massa – interferem de maneira direta na constituição do *eu*, que por vezes fica dividido com tanta informação. No texto *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949), Lacan propõe que, antes mesmo de falar, o bebê vive no estágio do *in-fans* — aquele que ainda não fala, mas é falado pelo Outro. “Basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.” (Lacan, 1949/1998, p. 98).

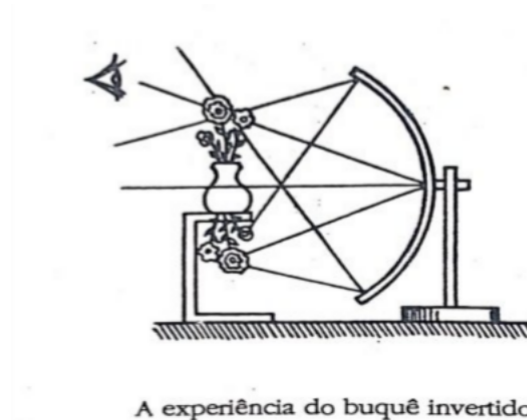
E, segundo o autor, é neste momento que se inicia um processo inaugural de alienação: o sujeito é inserido no campo do desejo e da linguagem do Outro, e sua constituição subjetiva será marcada por essa alteridade desde o início.

[...] o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engordo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu (Lacan, 1949/1998, p. 100).

Quando o bebê se depara com sua imagem no espelho, inicia-se uma experiência fundadora. Ele se reconhece na forma unificada de seu reflexo, uma imagem total que contrasta com a vivência corporal fragmentada que possuía até então. Essa imagem, no entanto, é ilusória. Trata-se de um recorte idealizado daquilo que ele acredita ser — o que Lacan chamará de *eu ideal* (*Ideal-Ich*), uma

fantasia de completude que mascara a divisão que o habita. O sujeito, nesse instante, identifica-se com uma imagem que vem de fora, marcada pelo olhar do Outro, o que inaugura a constituição de um *eu* alienado ao Outro. Através do esquema óptico de Bouasse, Lacan postula essa premissa.

Figura 1- Título



Fonte: Lacan, [1953-1954] 1986, p. 94.

O corpo do bebê é percebido por este a partir de algo que vem do outro, e Lacan (1949/1998) utiliza a metáfora do Estádio do Espelho para exemplificar isto. O espelho côncavo proporcionaria a experiência de quem desempenha a função materna, assim, a ‘mãe’ como Outro primordial, posicionada neste campo seria capaz de antecipar a imagem do *eu* do bebê e de tudo aquilo que o constitui. E isso permite antecipar o que ainda não está lá.

Essa dinâmica entre o ver e o ser visto é central: o sujeito se vê, mas esse ver só se sustenta porque é confirmado pelo olhar do Outro. E é dessa maneira que ele se constitui como imagem — uma imagem que é primeiro do Outro. A *Imago*, conceito também trabalhado por Lacan, capta o sujeito a uma forma de ser e de desejar que é inconsciente e estruturante de si. Ainda na infância, a criança se percebe como extensão do Outro, e Lacan propõe que, antes do estágio do espelho, a criança vive em um estado de descoordenação motora e fragmentação corporal – ela não tem uma noção unificada de si mesma. Ao se deparar com sua imagem refletida, no entanto, ocorre uma identificação primordial: a criança se reconhece como uma totalidade, ainda que essa imagem seja uma ilusão de unidade e coerência. (Lacan, 1949/1998)

Esse momento é marcado por uma alegria ao se reconhecer, mas também por uma alienação, pois o *eu (moi)* se constitui a partir de uma imagem externa, não da experiência interna do corpo. A criança identifica-se com uma imagem idealizada, que contrasta com sua própria sensação de desamparo e falta de controle. Lacan situa o estágio do espelho no registro do Imaginário, um dos três registros de sua teoria (junto com o Simbólico e o Real). A relação com a imagem especular introduz a dialética entre o *eu* e o *Outro*, pois a constituição de si depende do olhar e do reconhecimento alheio (como o da mãe ou cuidador).

O olho é, portanto, o primeiro aparelho de coordenação do espaço, que começa a perceber, registrar e organizar o bebê antecipadamente. Lacan, no seminário *Os 4 conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/2008), desenvolve a ideia de pulsão escópica. A constituição do *eu*, portanto, é desde sempre marcada por uma alteridade que o fixa e o molda.

3 MIRROR, MIRROR ON THE WALL...EXISTE ALGUÉM ALÉM DE MIM?

Ai de ti e de todos que
Levam a vida
A querer inventar a
Máquina de fazer felicidade
(Fernando Pessoa)

Na era digital, esse espelho não é mais de vidro e não reflete nossa própria imagem, mas uma tela iluminada, um *display* baseado em tecnologia como *LCD (Liquid Crystal Display)*. As redes sociais se tornam vitrines no qual o sujeito atua para ser visto, desejado, validado. A fragmentação de si, que antes era vivida como experiência subjetiva, agora ganha contornos performáticos: o sujeito se expõe, se reinventa e se repete. O olhar do Outro, ainda que anônimo, exerce forte influência sobre o modo como o sujeito se apresenta e se constitui. O celular se torna um espelho contemporâneo, no qual o sujeito busca uma imagem inteira, mas que é atravessada por uma profunda divisão entre o que se é, o que se deseja ser e o que o Outro espera que seja.

Essa nova modalidade de espelho – segundo propomos neste artigo – produz uma multiplicação de imagens idealizadas. O sujeito se vê dividido entre múltiplas representações de si: a que ele publica, a que deseja ser e a que ele pensa que o outro reconhece nele. Esse processo

cria uma identidade instável e performática, constantemente ameaçada pela invisibilidade digital. O *eu* torna-se uma construção frágil, sustentada pela demanda ininterrupta por reconhecimento — uma atualização constante da imagem de si. O narcisismo, descrito por Freud em *Sobre o narcisismo uma introdução* (1914/1996), é reeditado nas redes sociais, no qual o investimento libidinal volta-se obsessivamente para a própria imagem, mas agora mediado e medido por curtidas, comentários e visualizações.

De acordo com a perspectiva lacaniana de psicanálise, O sujeito vive à espera da validação do Outro, uma demanda, num circuito em que o desejo é capturado por um olhar que nunca é atendida. Quanto mais o sujeito se mostra, mais ele se perde de si mesmo. O olhar do Outro digital opera como *objeto “a”* aquilo que causa desejo, mas nunca se apreende por completo. Surge, então, uma angústia persistente, uma compulsão por reaparecer, por existir aos olhos de um Outro que não cessa de exigir — mas nunca devolve plenitude. Lacan (1963/2005), acerca do *objeto a*, propõe que “na medida em que ele é a sobre, por assim dizer, da operação subjetiva, reconhecemos estruturalmente nesse resto, por analogia de cálculo, o objeto perdido. É com isso que lidamos, por um lado, no desejo, por outro, na angústia”. (Lacan, 1963/2005, p.179).

O sujeito se forma por meio de uma operação subjetiva, isto é, um processo de inserção na linguagem e nas relações simbólicas. No entanto, essa operação não se completa de maneira plena, pois sempre produz um resto, uma espécie de sobre que não é totalmente assimilada. Esse resto é compreendido, por analogia a um cálculo que deixa um resíduo, como um objeto perdido. Trata-se de algo estrutural, que não corresponde a um objeto concreto, mas a uma falta constitutiva do sujeito. Essa falta não pode ser eliminada, pois faz parte da própria condição de existência psíquica. É justamente em torno desse objeto perdido que se organizam tanto o desejo quanto a angústia. O desejo surge como uma tentativa contínua de recuperar ou preencher essa ausência fundamental, ainda que nunca consiga fazê-lo de forma definitiva. Já a angústia emerge quando o sujeito se confronta mais diretamente com essa falta, experimentando um mal-estar diante daquilo que escapa à simbolização, mas que, quando ligado ao sintoma do sujeito, causa uma espécie de lógica do gozo.

Essa lógica do gozo, tão bem descrita por Lacan, se impõe. O sujeito hiper expõe-se, buscando reconhecimento e pertencimento, mas colhe exaustão e esvaziamento. Ele se torna visível para o mundo, mas invisível para si mesmo. Nesse cenário, a subjetividade deixa de ser um

processo de elaboração singular e torna-se uma montagem pública, regulada por algoritmos, expectativas externas e ideais inalcançáveis, e essa é uma das proposições de Han (2022).

Assim, o que se revela nas redes sociais não é apenas um novo espaço de sociabilidade, mas um campo estruturante no qual o sujeito tenta se constituir. E falha em um sentido total. Pois a promessa de completude que essas imagens digitais oferecem é, como o espelho de Lacan (1949/1998), uma ilusão. E essa ilusão, agora amplificada, gera um sujeito fragmentado, alienado, esvaziado e, paradoxalmente, cada vez mais exposto.

Compreendendo a internet como uma verdadeira onda cibernética capaz de liquefazer a individualidade humana, pode-se pensar no espaço digital como um palco global, onde aquilo que seria reservado ou íntimo se torna uma exibição, e qualquer apresentação, por mais simples ou polêmica que seja, pode reverberar em segundos. Contudo, fica fácil imaginar a cena em que essa exposição midiática pode enaltecer um sujeito, tornando-o uma celebridade, ou levá-lo a experimentar o cancelamento. De acordo com Kallas (2016):

O ciberespaço propicia que pessoas anônimas postem e compartilhem seus pensamentos, suas ideias, músicas, dotes artísticos, vídeos que se tornam virais, que autores publiquem seus livros, o que seria impossível ou muito difícil há alguns anos atrás e que desconhecidos tenham visibilidade e se tornem celebridades em um curto espaço de tempo, revelando talentos. (Kallas, 2016, p. 56).

O sujeito tem se conectado às redes sociais como uma forma de adquirir visibilidade, encontrando nesta ideia a promessa de obter uma vida financeira associada a uma vida de fama e reconhecimento, mesmo que isso venha por meio de encenação, onde se reproduz uma vida idealizada e distante da realidade concreta.

Na era digital, performar atravessa ideais de beleza, riqueza e estilo de vida; isso se torna um modelo estabelecido. Para pertencer, o sujeito adere a esses modelos, distanciando-se de si e repetindo apenas aquilo que está em voga, podendo ser traduzido como uma marionete da tendência.

Esse fenômeno pode ser compreendido à luz da Psicologia das Massas, de Gustave Le Bon, que nota que o indivíduo, quando inserido no coletivo, tende a perder sua individualidade e senso crítico, sendo conduzido por afetos e sugestões vindas da massa. Le Bon ainda diz que o sujeito, ao fazer parte de uma multidão, deixa de ser racional por se entregar ao contágio emocional do grupo.

Sigmund Freud, quando retorna a Le Bon (1895/2018) em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/1996), reforça que a *eu* é um laço fundamental que sustenta a massa. Neste caso, pensando em massas digitais, o sujeito se identifica com um ideal que está caracterizado em um influencer digital, podendo ser uma celebridade ou um modelo de sucesso do momento. Assim, A ideia de identificação está implicada desde a formação inicial do sujeito, atuando desde então como um mecanismo do desejo na construção de uma realidade inconsciente, que se manifesta e gera efeitos sobre o *eu*.

Traduzindo, o sujeito deixa a si mesmo para adotar o que o líder representa. No livro *Totem e Tabu* (1913/1996), Freud afirma que a identificação primária surge a partir da incorporação do pai primordial — o líder da horda primitiva — que foi morto pelos filhos e, depois, consumido em um ritual totêmico. O autor David-Ménard (1994) propõe que:

[...] um sujeito, para se constituir, torna seus elementos vindos de outro, sendo que algo daquilo que o liga a esse outro permanece recalcado, mas de tal maneira que esses elementos, retirados do outro, dados pelo outro ou impostos pelo outro, implicam ao mesmo tempo de algum modo, falta para o sujeito (David-Ménard, 1994, p.73).

É por meio das identificações que a cadeia significante se articula, permitindo a circulação dos significantes e possibilitando que o sujeito produza novas significações. Esse aspecto é essencial dentro da teoria lacaniana das identificações, já que, para Lacan, é o traço unário que sustenta as três formas de identificação descritas por Freud (Cruglak, 2001).

Vale destacar também a observação de Safouan (2006), que pontua como, antes de Lacan, a identificação era pensada em termos de conhecimento sobre o outro com quem nos identificamos. Com Lacan, o foco se desloca para a questão do que significa ser “o mesmo” (Safouan, 2006, p. 143), uma abordagem que será desenvolvida a partir da noção de diferença — especialmente a diferença definida pelo significante. Ao explorar o problema do “mesmo”, Lacan toma um rumo distinto de Freud, voltando-se à investigação da constituição do eu e da forma como o sujeito, em processo de constituição, se insere no campo da linguagem. Nesse percurso, ele propõe as identificações sob as modalidades do imaginário e do simbólico.

A compreensão do processo identificatório e o estágio do espelho evidencia a importância da antecipação realizada pelo Outro materno — especialmente de seu olhar — para que o eu possa surgir como uma imagem, uma representação do corpo moldada pelos traços do desejo desse Outro.

Trata-se de uma teoria lacaniana sobre a gênese do *eu*, que se contrapõe às concepções desenvolvimentistas tradicionais, nas quais o *eu* é visto como resultado do progresso natural da maturação infantil.

4 ENCENAÇÃO ÀS AVESSAS: O CARÁTER DAS MASSAS

[...] torna absolutamente necessário
para a nossa vida mental
ultrapassar os limites do narcisismo e
ligar a libido a objetos.
(Freud, 1914/1996, p. 92)

As redes sociais facilitam essa encenação, mantendo este ideal compartilhado e facilitando a submissão de quem está por trás das telas. No efeito manada digital, o sujeito encontra em seu imaginário um lugar nas redes de pertencimento e de reconhecimento, sentindo-se parte de algo, mesmo que paradoxalmente se sinta absurdamente vazio.

A internet não apenas conecta, ela dirige, convoca e captura. As redes não são igualitárias; são mecanismos de subjetivação que operam com força simbólica, moldando afetos, desejos e modos de existência. Desta forma, o sujeito pode ser tragado neste campo de identificação coletiva, capturado pelo brilho da aprovação do outro. Neste caso, a alienação não é apenas uma consequência, mas um dispositivo que constitui a presença digital na contemporaneidade.

No fim do século XIX, Gustave Le Bon já apontava que a massa não era apenas uma soma de SUJEITOS. Em *A Psicologia das Multidões* (1895/2018), ele descreve como o indivíduo, ao fazer parte de uma massa, perde sua racionalidade crítica e se torna um reprodutor de afetos e sentimentos, sem reflexão, característicos de uma obediência à figura de um líder.

Para Le Bon (1895/2018), o anonimato dissolve a responsabilidade individual dos sujeitos. Nas redes sociais, essa lógica se intensifica através dos nomes falsos, perfis privados e a falsa intimidade promovida pelo “seguir” alguém no Instagram, por exemplo, criando um senso de liberdade sem consequências. A distância geográfica e o não saber “onde mora” o outro produzem

uma sensação de inimizabilidade, como se fosse possível dizer qualquer coisa, de qualquer forma, sem nunca precisar responder por isso.

Le Bon também fala sobre o contágio afetivo e a sugestibilidade; respectivamente, um é quando as emoções e sentimentos se espalham rapidamente entre a massa, resultando em sentimentos e objetivos em comum; o outro é quando o Eu cede à voz do líder ou da massa em si. No meio digital, isso se dá através do algoritmo, dos memes e vídeos de quinze segundos que se espalham rapidamente, já o outro através das normas invisíveis da comunidade digital, dos padrões impostos e de todo o escalonamento necessário para ser visto dentro dela.

Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/1996), ao dialogar com Le Bon (1895/2018), insere o ponto de vista psicanalítico sobre como a massa se relaciona com processos identificatórios e o *ideal do eu*. Ou seja, ao se inserir em uma massa, a organização será por meio de identificações inconscientes, e o líder aqui será idealizado, passando a ser o centro do narcisismo coletivo.

Ao observar as redes sociais, percebe-se que o líder não é uma pessoa específica; pode ser também uma tendência, um senso de verdade que pune os diferentes, um padrão de beleza ou um padrão de agir. Essa figura atua com um olhar julgador e vigilante; é o olhar do Outro que atua nas telas como moral pública digital. Isso é percebido, por exemplo, através dos desafios virais, principalmente entre adolescentes. Dentro dessa massa, formam-se grupos onde as interações são mais diretas, e aqueles que não cumprem determinadas tarefas impostas tornam-se alvo de silenciamento, zombaria ou exclusão simbólica pelo grupo.

Em *Psicologia das Massas – Um Século de Pensamento Crítico* (2022), reunindo diversos autores e pontos de vista, pensa-se a massa como um dispositivo permanente de organização psíquica e social, onde a mentalidade individual entra em confronto com o grupo; aqui, a atividade mental é composta por nenhum pensamento crítico.

O autor Pichon-Rivière propõe que grupo é um conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si que se propõem, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade. Agora, quando falamos em vínculo, nos referimos tanto ao sujeito quanto ao objeto e suas relações com os processos de comunicação e aprendizagem. Ou seja, vínculo é, segundo Pichon-Rivière (1985 *apud* 2022), dinâmico e mediado por uma realidade, seja ela social, cultural ou simbólica.

E todas essas informações são preponderantes, pois a massa não é apenas efeito psicológico social, mas também libidinal, onde o sujeito reorganiza seus desejos a partir do contágio coletivo;

o que observamos acontecer nas redes sociais, onde, a partir de um líder, a quem se idealiza, seja por seu status, corpos ou estéticas, o “eu” se dilui para que o ideal do eu seja projetado na figura admirada. A partir de Pichon-Rivière (2022), podemos pensar que a relação afetiva que deveria ocorrer entre sujeito, objeto e realidade dá lugar a uma nova dinâmica, cuja imagem é capturada pelo registro do imaginário, o que resulta em alienação e narcisismo primário.

Cabe ressaltar que Le Bon (1895/2018), ao falar sobre a teoria das massas, buscou compreender como os sujeitos se comportam em grupo, especialmente em situações de aglomeração, manifestações e revoluções. Ele descreve a massa como um agrupamento físico de pessoas que, ao se juntarem, desprendem-se da racionalidade e da responsabilidade que se apresenta na individualidade, agindo de forma mais emocional e impulsiva.

O autor argumenta que, ao fazer parte de uma massa, o sujeito entra em um estado psíquico diferente, que nomeia como alma coletiva: “esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente” (Freud, 1921/1996, p. 17) — citação retirada de uma citação que Freud fez do livro de Le Bon — como se reunir em grupo levasse a um contágio em que suas ideias e emoções se alinhassem às da multidão, levando à despersonalização do consciente e ao predomínio do inconsciente.

Surge, então, um comportamento homogêneo, movido mais pela emoção do que pela razão; o sujeito, antes crítico e reflexivo, se torna sugestionável e impulsivo, regredindo a um estado mais primitivo da consciência.

Para o funcionamento da massa, é fundamental a presença de uma referência simbólica, alguém com quem os indivíduos possam se identificar e a quem possam seguir. Le Bon (1895/2018) denominou essa figura de líder, atribuindo-lhe um papel central na formação e condução das massas. Segundo o autor, os líderes são, em geral, sujeitos que impõem ideias simples, carregadas de forte apelo emocional e sustentadas por uma convicção inabalável. É justamente essa crença intensa que exerce um poder de sugestão sobre a coletividade, tornando possível a mobilização da massa em torno de um ideal ou direção. Desta forma, pode-se compreender que o líder atua sobre a massa por meio da sugestão, não pela argumentação lógica.

Freud, no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/1996), amplia a concepção das massas e as implicações na subjetividade, apresentando sua análise a partir da psicanálise. Para ele, assim como para Le Bon, a entrada do indivíduo na massa implica uma renúncia ao eu e uma identificação com o líder ou com a figura idealizada que representa o grupo. Nesse processo, há

uma perda da limitação dos impulsos, sendo esta limitação substituída pelo ideal do grupo. O “*eu*” se enfraquece, e o desejo de pertencimento se torna predominante.

A massa é, então, uma estrutura de afetos que liga os sujeitos uns aos outros e ao líder, através de identificações inconscientes. Segundo Freud, esse investimento libidinal dispensado na figura do líder ou do grupo, ou ao que eles representam, substitui o investimento narcísico do sujeito em si mesmo.

Freud afirma que “a massa primária é constituída por indivíduos que colocaram um único objeto no lugar de seu ideal do eu” (Freud, 1921/1996, p. 110), o que permite compreender como o sujeito abdica de sua autonomia psíquica para se manter coeso com o grupo. Ambos buscaram compreender como a presença da massa altera a estrutura do sujeito, afetando sua racionalidade, autonomia e moralidade.

5 O OLHAR COMO OBJETO A: CAPTURA DO SUJEITO PELA IMAGEM NA ERA DIGITAL

Em *O Olhar em Psicanálise* (NASIO, 1995), Juan-David Nasio retoma a elaboração lacaniana do olhar como objeto *a*, destacando-o não como simples função da visão, mas como um ponto de gozo e de furo no campo do visível. Para compreender sua complexidade, é necessário distinguir três momentos fundamentais: ver, olhar e fascinação.

Segundo Nasio (1995, p. 30-31), “ver” pertence à ordem da percepção sensorial, ou seja, é o movimento que parte do eu em direção à imagem da coisa, um gesto que busca apreender, reconhecer e antecipar o que se mostra. É o campo do olho e da consciência, onde o sujeito se imagina senhor da visão. Já o “olhar”, como explica o autor, é um ato que vem da coisa até nós (Nasio, 1995, p. 32). É o momento em que a imagem nos atravessa e revela que não somos apenas quem vê, mas também quem é visto. O olhar é o objeto “*a*”, aquilo que escapa ao domínio da visão e toca o sujeito em sua falta. Ou seja, o objeto *a* não é um objeto concreto, mas um resto irreduzível, algo que escapa à simbolização completa e que evidencia a falta estrutural do sujeito. O olhar, nesse sentido, não é o ato de ver, mas aquilo no campo visual que nunca pode ser totalmente apreendido, um ponto de opacidade, uma exterioridade que resiste ao domínio do sujeito. quando o sujeito percebe que não é apenas quem vê, mas também quem é visto, ocorre uma ruptura na

ilusão de controle. O olhar aparece como esse elemento estranho e inquietante que o desloca de sua posição central, revelando sua condição de falta. É por isso que o olhar toca o sujeito de maneira tão direta, podendo inclusive provocar angústia, ele encarna justamente esse resto que não pode ser dominado, mas que, ao mesmo tempo, causa o desejo. (Lacan, 1963/2005)

A “fascinação”, por sua vez, é apresentada como experiência de encantamento, termo que deriva do latim *fascinatio*, ligado à ideia de feitiço (1995, p. 34-35). Ela é o instante em que o sujeito se vê preso pela cena, tomado por algo que o olha. Trata-se, como afirma o autor, da atualização do olhar inconsciente, que se manifesta justamente nas falhas da visão, quando o sujeito é capturado por aquilo que o ultrapassa.

Na era digital, tal dinâmica encontra terreno fértil. Nas redes sociais, o olhar do outro assume a forma de curtidas, visualizações e comentários. Não se trata apenas de “ver curtidas”, mas de sentir-se atravessado pelo olhar do outro, “quem curtiu”, “quem não curtiu” e o que isso significa. A fascinação contemporânea é, portanto, a do sujeito que goza em ser visto, ainda que não saiba exatamente por quem.

Nessa lógica, o perfil digital opera como uma borda pulsional, uma superfície de passagem entre o dentro e o fora, semelhante à garrafa de Klein, refletida por Lacan e retomada por Nasio (1995). Assim como na garrafa, o sujeito contemporâneo não distingue claramente o interior do exterior: o íntimo é publicizado, o privado se torna espetáculo, e o olhar do Outro infiltra-se no próprio campo do eu.

Mas o que é, afinal, esse elemento não visível que chamamos olhar? Nasio (1995) o descreve como um gozo ligado a um orifício, um ponto de condensação pulsional onde o dentro e o fora se confundem. Assim como a voz, “maneira de gozar”, presença interna do Outro que se escuta, o olhar é um objeto pulsional, um modo de satisfação que se dá na passagem entre o visível e o invisível. Não se trata de fixar os olhos em um detalhe, mas de ser afetado por aquilo que escapa à imagem. O sujeito, nesse circuito, olha, depois se olha e depois é olhado. Fazer-se olhar, portanto, não é questão de ativo ou passivo: é deixar-se tocar pelo olhar do Outro, por esse resto de gozo que não pertence nem à visão nem à palavra. Nas redes sociais, esse movimento se repete incessantemente: o sujeito posta, se observa, espera ser olhado, numa tentativa de sustentar a própria existência a partir daquilo que o atravessa, o olhar do Outro como causa de desejo e lugar de gozo.

O olhar, enquanto objeto “a”, é a causa do desejo, não seu objeto de satisfação. Ele é o que sobra, o que resta e insiste, o ponto de inquietação que convoca o sujeito à repetição. Nas redes, esse circuito pulsional se renova incessantemente: o sujeito olha, se olha e se faz olhar. Cada nova imagem postada tenta tamponar a falta, e cada curtida recebida oferece uma satisfação efêmera que logo se esvai. O sujeito fragmentado da era digital vive, assim, entre o olhar que busca e o olhar que o captura, fascinado pela própria imagem que o atravessa.

Portanto, o sujeito contemporâneo se vê aprisionado em uma engrenagem de visibilidade, onde o olhar do Outro se torna tanto promessa quanto armadilha. A cada nova exposição, acredita aproximar-se de uma suposta completude, mas o que encontra é apenas a repetição da falta, um retorno ao mesmo ponto de vazio que o constitui. Essa busca incessante por reconhecimento visual não contribui para a construção de um eu sólido; ao contrário, reforça a fragmentação e o deslocamento da própria experiência de si. O sujeito, seduzido pela imagem que o captura, confunde-se com o semblante que exhibe, acreditando ser aquilo que o olhar do Outro reflete.

Nasio (1995) mostra que o olhar, enquanto objeto a, nunca entrega o que promete: ele apenas aponta para o que falta, mantendo o desejo em movimento. Assim, nas redes sociais, o sujeito persegue um reflexo que nunca se estabiliza, pois a imagem é sempre outra, filtrada, editada, performada. O sujeito se vê, mas não se reconhece; se mostra, mas não se encontra.

A cada tentativa de se fazer ver, esbarra na impossibilidade de apreender-se integralmente, pois o olhar que o constitui vem sempre de fora, do campo do Outro. O que resta é o paradoxo: ao tentar se afirmar pelo olhar, o sujeito se perde nele. Busca ser olhado para se sustentar, mas é justamente nessa busca que se desintegra, transformando-se em espetáculo de si mesmo. A identidade, então, deixa de ser construção simbólica para tornar-se performance, uma superfície de imagens que desliza sobre o vazio. O sujeito fragmentado da era digital não se constitui a partir do olhar, é antes o olhar que o constitui e o dispersa. Capturado por aquilo que o olha, ele habita um circuito de gozo que o mantém preso à tela, fascinado por sua própria miragem.

6 CONCLUSÃO

O meu mundo não é como o dos
outros, quero demais, exijo
demais; há em mim uma sede de
infinito, uma angústia constante
que eu nem mesma compreendo,
pois estou longe de ser uma
pessoa; sou antes uma exaltada,
uma alma intensa, violenta, atormentada,
uma alma que não se
sente bem onde está, que tem
saudade... sei lá de quê!
(Florbela Espanca)

Este estudo teve como objetivo central analisar a constituição do sujeito na era digital, investigando especificamente o papel do olhar como *objeto a* no contexto das redes sociais. A análise demonstrou que, no ambiente digital, o sujeito se fragmenta em múltiplas representações de si, mediadas pela busca incessante de validação no olhar do Outro, uma vez que o *eu (moi)* surge de uma imagem alienada e ilusória no estádio do espelho, mediada pelo olhar do Outro. Na atualidade, essa dinâmica se desloca para as redes sociais, que funcionam como um espelho tecnológico onde o narcisismo e o desejo de validação por meio de curtidas sustentam identidades performáticas e instáveis. Esse processo é impulsionado pelo olhar como *objeto a*, um ponto de gozo e fascinação que captura o sujeito nas telas e expõe sua falta estrutural.

Embora as obras de Gustave Le Bon (1895/2018) e Freud (1921/1996) tenham sido escritas há muito tempo, ambos buscaram compreender como a presença da massa altera a estrutura do sujeito, afetando sua racionalidade, autonomia e moralidade. Esses conceitos e fundamentos se apresentam muito fortes na atualidade. O comportamento das massas descrito por eles — sugestionável, impulsivo, emocional, liderado por símbolos e afetos — encontra um novo campo fértil nas redes sociais. A era digital reestruturou as configurações das massas.

Na era digital, a massa não precisa mais estar presente fisicamente. As redes sociais formam massas digitais, conectadas por *likes*, compartilhamentos e comentários, que funcionam como forma de reforço coletivo, onde o conteúdo é multiplicado sem reflexão crítica. Assim como no presencial, o indivíduo nas redes muitas vezes cede à emoção coletiva, à impulsividade e ao contágio afetivo.

O fenômeno descrito por Le Bon (1895/2018) como contágio mental se manifesta hoje como viralização de conteúdos, especialmente aqueles com forte carga emocional. Fazendo uma analogia sobre líderes no tempo o autor supracitado e na atualidade, pode-se perceber que este, antes descrito como uma figura carismática que guiava a massa com discursos simples e emocionais, hoje deu lugar aos influenciadores digitais. Eles constroem autoridade pela estética, pelo afeto e pela repetição de ideias fáceis de assimilar, moldando o que vemos, pensamos e sentimos. Eles reforçam bolhas e narrativas, induzindo a participação nas massas digitais de forma quase que imperceptível.

Peter Sloterdijk (2002) propõe que a massa é uma abstração perigosa porque: ela visa anular a Individualidade, muito embora ela homogeneíze e apaga as singularidades, transformando pessoas diversas em uma entidade única e amorfa. A massa é um artefato da mídia, uma vez que a mídia de massa (especialmente a televisão do século XX) não informa uma massa preexistente, mas sim a produz. Ao emitir um sinal único para milhões de receptores isolados, ela cria uma comunidade imaginária de espectadores passivos e atomizados, que se sentem parte de algo maior apenas pelo ato simultâneo de consumo.

Na contemporaneidade, em que as massas digitais se formam em redes sociais e movimentos virtuais, essas análises escritas anteriormente permanecem surpreendentemente atuais. Há uma continuidade de repetições de padrões emocionais que privilegiam a identificação, reforçando o desejo de ser parte de algo maior, por vezes abrindo mão de si mesmo. Simultaneamente, observa-se a singularidade individual se dissolver em prol de um coletivo virtual liderado por influenciadores, replicando os mecanismos de contágio afetivo e submissão descritos pela psicanálise clássica.

Segundo Le Bon, “o indivíduo numa multidão é como um grão de areia em meio ao oceano” (Le Bon, 1895/2018), indicando o apagamento da singularidade em favor de uma consciência coletiva movida pela paixão e pela imitação. As telas dos dispositivos eletrônicos operam como um espelho contemporâneo, onde o olhar funciona como o *objeto a*, um ponto de gozo e fascinação que captura o sujeito e revela sua falta estrutural, resultando em identidades performáticas e instáveis. A hiperexposição digital, embora prometa completude, apenas amplifica a fragmentação e a alienação do sujeito contemporâneo

REFERÊNCIAS

BARROS, Manuel de. **Manoel de Barros: Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013.

CRUGLAK, C. **Clínica da identificação**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

DAVID-MÉNARD, M. Identificação e histeria. In: MANNONI, M. (Org.), **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DESCARTES, R. **Meditações sobre Filosofia Primeira**. Coleção Multilíngues de Filosofia Unicamp, Série A, Cartesiana I, Unicamp, 2004.

FREUD, S. **Interpretação das Afasias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1891/1994.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1996.

FREUD, Sigmund. **Cartas a Wilhelm Fliess, 1887-1904**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996.

FREUD, S. Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1921/1996.

FREUD, S. O Ego e o Id. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências Introdutórias Sobre Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 1932/1996.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 10 nov. 2025.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96- 103.

LACAN, J. **O seminário: Livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1964/2008.

LACAN, J. **O seminário: Livro 10: A angústia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1963/2005.

LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1895/2018.

NASIO, Juan-David. **O olhar em psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAFOUAN, M. **Lacaniana I: Os seminários de Jacques Lacan 1953-1963.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

SLOTERDIJK, Peter. **O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

Recebido em: 23/01/2026

Aceito em: 30/04/2026